

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 123 — Domingo, 16 de Outubro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA  
"CARA ALEGRE"

A melhor revista  
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias — Preço 4800

AVENÇA

NOTAS EM CIRCULAÇÃO...

## TURISMO

Por JOÃO PATRÍCIO

VERDADEIRO turismo vive sempre dos pequenos nada, de pormenores que são, afinal, às vezes, o segredo recôndito do seu êxito ou fracasso.

Podem existir grandes Palaces, luxuosos restaurantes, estradas e meios de transporte magníficos, que o turista — aquele que se desloca de um país para ver, observar, outros países — não conseguirá apagar com facilidade da memória a desagradável impressão deixada por qualquer, aparentemente insignificante, pormenor.

Um gesto mal humorado, uma palavra desabrida, uma informação incorrecta, uma comida pouco apurada, um ar menos apurado enovelado do pessoal em contacto com o turista, podem ferir, imperecedoramente, os sentimentos egocentristas do viajante.

## ESQUADRAS

ALIADAS  
NO TEJO

PRESTÍGIO de Portugal continua a ser cada vez mais forte e poderoso entre os principais países civilizados. Parece, mesmo, que todos eles se esforçam por mostrar a sua grande estima por tudo quanto é português, por tudo quanto, de qualquer forma, está ligado com a Gente e a Terra Portuguesa.

É realmente tudo isto um motivo de grande regozijo para os que nos orgulhamos da nossa qualidade de filhos da Pátria Lusa e estamos seguros do nosso valor na época presente.

Encontram-se, actualmente, surtos no Tejo nada menos que 23 navios das Armadas dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França, com uma tripulação de 8.000 homens. Trata-se de uma maravilhosa manifestação do potencial náutico das forças aliadas do Atlântico Norte. Estes barcos realizaram, durante doze dias de navegação constante e com a valiosa cooperação de dois contratorpedeiros portugueses, um grande exercício inter-aliado, o célebre exercício «Centerboard». Este exercício tinha por finalidade demonstrar a maneira prática e eficiente como se pode levar a cabo a defesa dos comboios marítimos contra os ataques, quer provenientes de submarinos, quer do ar. Foi, na

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Quem viaja e gasta o seu dinheiro (mais ainda os abastados do que os remediados) não perdoa, e não esquece já mais faltas e descuidos, por pequenos que pareçam.

Deve ser, portanto, preocupação dominante de quem dirige ou orienta a política do turismo estar sempre atento às mais pequenas deficiências, ao — chamemos-lhe assim — «turismo psicológico». Modesto, mas limpo, desenhado; simples, mas bem educado, cortês.

O turismo é a arte subtil de atrair e de prender. E toda a arte genuína é mais do que o aspecto monumental do conjunto: pois é também a delicadeza dos contornos, do detalhe — do pormenor.

Está a nossa querida terra (tão bafejada pelo Sol, o clima privilegiado que Deus lhe deu e pela ordem, a paz que um grande português um dia nela instaurou) vivendo uma hora alta de afluência turística. E diga-se, em abono da justiça, que o turismo entre nós vai estando preparado para arcar com a sua grande responsabilidade.

Novos hotéis abrem as suas portas, por esse País fóra, e alguns estão em construção em Lisboa. As pousadas e os restaurantes típicos, regionais, a par de demais motivos de atracção, são outros tantos meios de prender, agradar ao turista. Mas não esqueçamos os tais pormenores, o detalhe, o

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Breves apontamentos sobre

## «AS ASAS DE GARRETT» — uma conferência de Ludovina Frias de Matos

Por JOGELYNE PINTO

É SEMPRE difícil esboçar, com dois traços apenas, o perfil literário de um escritor. E quando esse escritor é, não uma figura vulgar da literatura, mas um vulto eminente como Almeida Garrett, a dificuldade torna-se ainda maior. Pois foi precisamente com muita habilidade, e peço à autora que me perdoe o termo, que a sr.ª D. Ludovina Frias de Matos redigiu o seu trabalho, que tendo sido proferido aos nove dias de Dezembro do ano de mil novecentos e cinquenta e quatro, nos aparece agora, numa edição cuidada, como são aliás todas as daquela ilustre senhora.

Mas não se limitou a autora a falar de Almeida Garrett, repetindo aquilo que outros disseram antes, sem lhe imprimir a marca do seu cunho pessoal. Não, a sr.ª D. Ludovina Frias de Matos, como inspirada poeta que é, roçou como uma asa sobre uma biografia sobejamente conhecida de tantos, esbatendo proposadamente os vincos mais adustos das fraquezas humanas do escritor, para melhor fazer sobressair as suas reais qualidades de poeta e dramaturgo insigne.

## ALGUMAS NOÇÕES DO GÓTICO

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

JÁ conhecemos, em linhas gerais, o românico e hoje vamos entrar no gótico, o qual, conforme já dissemos, apresenta várias gradações no tempo e no espaço. E esta circunstância que torna difícil o enunciado das características do estilo, ou, melhor, os elementos predominantes, comuns em todas as construções.

Em face desta dificuldade, e no intuito de a rodearmos, limitámo-nos a dizer, no anterior artigo, que no gótico o que mais importava era a maneira como as cargas se transmitiam ao terreno, acrescentando que essa transmissão se fazia numa série de pontos ocupados por colunas. Esta afirmação pouco diz. Porém, tem a virtude de ser a única susceptível de não brigar com as diferentes opiniões dos técnicos e tratadistas. Convém, portanto, ficarmos com esta ideia: Há divergências quanto à maneira de definir o gótico.

Aquela ideia clássica (que nós perfilhamos) de que a cruzeta de ogiva constitui a parte resistente das abóbadas encontra-se hoje bastante abalada. Há quem afirme que a abobadilha tem função resistente e que as nervuras são simples enfeite. Ora, sendo assim, não tendo estas funções no ponto de vista construtivo, não podem ou, pelo menos, não são fundamentais para definir o estilo. Esta é a opinião de Colombyer que, na sua História de Arte, vai ao ponto de dizer-nos:

«O cruzamento de ogivas só desempenha na definição da arte gótica um papel secundário.»

Segundo este autor, o maior

progresso técnico do gótico está precisamente na maneira como as pressões se encontram neutralizadas. Vejamos mais demoradamente este ponto: No sentido longitudinal dos templos, as colunas não caem porque, havendo uma abóbada dum lado e de outro, os impulsos equilibram-se. No sentido transversal, o equilíbrio não

se pode dar em virtude da nave central ser muito mais alta que as naves laterais. Deste modo, as colunas têm tendências a cair no sentido de dentro para fora e, para evitar que isto aconteça, os construtores góticos construíram, ao longo da parede lateral e no alinhamento das colunas, uma série

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



RANCHO FOLCLÓRICO DE ALCOUTIM

DE VEZ EM QUANDO...

## O RANCHO FOLCLÓRICO DE ALCOUTIM

Por TRINDADE E LIMA

ANTES do «Notícias do Algarve» me trazer a grata notícia, eu já a conhecia: nas festas da minha terra, este ano, exibiu-se pela primeira vez um rancho folclórico ali organizado. Sei onde se fizeram os ensaios, e se não pedi permissão para a eles assistir quando lá estive, é que havia sempre bastante gente à porta e não queria que abrissem para mim uma excepção.

Louvores merece quem teve a ideia e a impulsão, e quem, com paciência beneditina, a tornou realidade. Dois nomes se apontam e se registam: a sr.ª dr.ª D. Jerónima Godinho Vinagre e o sr. João Ricardo.

A primeira, a inspiradora; o segundo, o organizador. Ela,

pessoa culta, conhecedora, iluminou, abriu caminho; ele, pessoa modesta mas persistente, construiu, tornou uma ideia em uma obra.

As festas que há quatro anos se realizam na minha terra, se outros méritos não tivessem, tinham este: criar coisas belas, inéditas no seu ambiente pequeno, acanhado.

Ali se organizou um cortejo fluvial, a que assisti, e a que concorreram bastantes barcos, alguns apresentados com graça e com arte.

Quem ensinou aquela gente, muita da qual nunca presenciara um espectáculo semelhante? A poesia nativa do povo, que o leva a criar coisas admiráveis.

Veio depois, e a isto não assisti, um cortejo de oferendas com carros rústicos, cada um dos quais oferecia um quadro próprio da vida rural.

Falaram-me, sobretudo, do zagal tocando flauta e apascentando o seu gado.

Quem os ensinou ou quem, sequer, os orientou? Foi a sua intuição, que no povo imagina e cria.

As festas da minha terra têm

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## QUEM TEVE A CULPA

foram os espanhóis?

Pelo Major SOUSA NUNES

VENDO-SE sem chefe, Lusitanos e Váceos debandaram e esconderam-se o melhor que puderam entre a população pacífica dos seus territórios, e deixaram-se ficar sossegados, como os Romanos desejavam.

Os Celtiberos, para fazerem a mesma coisa, tinham de atravessar o campo inimigo, mas, em vez de se coarem dispersos, retiraram todos juntos. O inimigo deu por isso e correu sobre eles, no intuito de exterminar os que resistissem e vender como escravos os que se deixassem apanhar com mansidão.

Os fugitivos foram pedir abrigo a Numância, que era a sua verdadeira capital, posto que a cidade gozasse de certa independência. Os Numantinos abriram-lhes, de boa mente, as suas portas. Os Romanos, que não cessaram de os perseguir, exigiram a sua entrega.

«BRADOS DO ALENTEJO»

Entrou no 25.º ano de publicidade este nosso prezado colega, que se publica em Extremoz, sob a brilhante direcção do sr. eng. André Tavares.

Com os nossos cumprimentos de felicitações, desejamos ao excelente semanário alentejano as maiores prosperidades, com votos de longa vida.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## SEMPRE OS ETERNOS PARADOXOS!...

Por NATÉCIA ALGARVE

NOITECIA suavemente e a Lua, em quarto crescente, já prateava tudo o que cobria!

As estrelas, no firmamento, mais beleza traziam ainda a aumentar tanto encanto e romantismo.

Mas a doçura da noite não conseguia modificar o ambiente de desamor criado por este par que tentarei descrever:

«Não quero ir» — dizia ela.

O marido, com a força brutal do seu sexo, gritava e gesticulava:

«Vais, sim.. ainda que seja à força!

Tratava-se duma festa de caridade, destas festas inúteis com rótulo generoso.

A dona da casa onde se dava o chá, uma elegante jogadora de canasta, andava doidinha pelo marido da amiga...

Esta sabia-o, e recusou-se a acompanhá-lo a casa da senhora que tinha tanto dos pobres...

Ele teimou, mas ela venceu, porque lhe disse enérgicamente:

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## Facilidades de trânsito entre as duas margens do Guadiana em Vila Real de Santo António

Informam-nos da vizinha cidade espanhola de Ayamonte que, em seguimento a uma sugestão feita pelo alcaide daquela cidade andaluza ao sr. governador civil de Huelva, por ocasião de um banquete oficial durante as festas a Nossa Senhora das Angustias, a referida autoridade prometeu apoiar, junto do Governo espanhol, o pedido de que se concedam permanentemente facilidades de trânsito entre as populações fronteiriças das duas margens do Guadiana. De tal facto advirão consideráveis vantagens de ordem turística e comercial para as zonas da raia, cimentando mais ainda os laços de amizade que estão a desenvolver-se entre os dois países.

Espera-se que as autoridades portuguesas secundem tal aspiração, permitindo que sejam reduzidas ao mínimo indispensável as formalidades e documentação necessárias ao trânsito, na nossa fronteira, de naturais deste concelho e arredores.

## ELEMENTOS ESCLARECEDORES

## PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Pesca e conservas no Algarve

Os números oficiais agora vindos a lume sobre o valor da pesca no ano de 1953, informam que esses valores no Algarve foram os seguintes: Vila Real de Santo António, 32.950 contos; Portimão, 28.215; Olhão, 18.987; Lagos, 10.766; Tavira, 8.222; Fuseta, 6.130; Quarteira, 4.406; Albufeira, 2.866, e Faro, 2.155 contos.

A produção dos centros conserveiros, no mesmo ano, foi a seguinte, em contos: Olhão, 82.056; Vila Real de Santo António, 60.882; Portimão, 52.123,

e Lagos, 19.095. O nosso centro industrial e o de Olhão são os maiores produtores de conservas de anchovas. Das 2.497 toneladas fabricadas, coube aos dois centros do Sotavento 1.579 toneladas. Vila Real de Santo António fabricou 1.830 toneladas de atum, tendo-se fabricado, no resto do País, apenas 279 toneladas, e nas ilhas, 697 toneladas.

Cortiças e frutas secas

Nos primeiros cinco meses deste ano, foram exportadas 65.737 toneladas de cortiça

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## CANTARES

A coragem de ficar é muitas vezes maior que a ousadia de abalar para além de qualquer dor...

Tenho um filho nos teus braços, dou-me inteiro em teu viver. Ele veio atar-me os laços com os quais te quis prender.

Minha dor não mais pertence àquele que fui pra mim... — Quando é a dor que nos vence nunca mais a dor tem fim...

A. VICENTE CAMPINAS

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e ilustre colaborador sr. capitão António Gonçalves.

Partiu para Lisboa, a fim de continuar os seus estudos na Escola do Exército, o sr. António João Ruivinho, filho do nosso estimado amigo e assinante sr. António dos Anjos Ruivinho.

Igualmente, partiu para Lisboa, a fim de fazer o exame de admissão à Universidade de Lisboa, o sr. Octávio Rafael Sancho Pinto, filho do nosso estimado amigo e assinante sr. Octávio Pinto.

Encontra-se nesta vila o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Sérgio Viegas Belo, que esteve em tratamento em Lisboa.

Vindo há pouco da Índia Portuguesa, encontra-se em companhia de sua família o sr. António Rodrigues Aleixo, filho do nosso prezado assinante em Lisboa, sr. Manuel Francisco Aleixo.

Regressou de Lisboa, onde foi submetido a uma operação cirúrgica, o nosso prezado assinante e amigo sr. José Machado Júnior, 1.º sargento da Guarda Fiscal desta vila.

De visita à feira desta vila, esteve entre nós, acompanhado de sua esposa, o nosso estimado amigo e assinante sr. João Gonçalves Conceição, chefe da Estação dos Caminhos de Ferro em Cuba (Alentejo).

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, por ocasião da feira, o nosso prezado amigo e dedicado correspondente, sr. Dimas Gaspar Martins, residente em Alcoutim.

Com sua esposa, esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Ventura, residente na cidade espanhola de Isla Cristina.

De visita a sua família, tivemos o prazer de cumprimentar o nosso prezado amigo e assinante sr. Flaminio José Gil.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Domingos, arrendatário do Hotel Guadiana, desta vila.

Esteve na nossa redacção o sr. Alexandrino Alberto Macedo Xavier Cavaco, filho do nosso prezado assinante e amigo sr. António Alexandrino M. Cavaco.

Com pouca demora, esteve na nossa redacção o nosso prezado amigo e assinante sr. Joaquim Martins Rocharte, chefe da Estação da C. P., na Luz de Tavira, que desempenhou idênticas funções na Estação de Sabóia.

Esteve nesta vila, de visita a sua família, com seu filho Fernando, a sr.ª D. Olga Martins Tenório, esposa do nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Manuel Tenório, residente no Barreiro.

### Casamento

Na igreja matriz desta vila, realizou-se, em 8 de Outubro corrente, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Adelaide Vieira Ribeiro, gentil filha do nosso amigo e prezado assinante sr. Leonel Fernandes Ribeiro, industrial, e de D. Carminda dos Reis Vieira Ribeiro, com o sr. José Ferreira Gregório, filho do industrial de conservas desta vila, sr. João Gregório, e de D. Rita Ferreira Gregório.

Apadrinharam o acto nupcial, por parte da noiva, o sr. José Rodrigues Lima Centeno e sua filha, D. Maria José Rodrigues Centeno, e por parte do noivo, seu pai e sua irmã, D. Rita Ferreira Gregório.

Ao novo casal, deseja «Notícias do Algarve» as maiores felicidades no seu novo lar.

Assinal e propaga! «Notícias do Algarve»

## ELEMENTOS ESCLARECEDORES SEMPRE OS ETERNOS PARADOXOS!...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

não manufacturada, no valor de 471.589 contos. Os maiores compradores de cortiça em aparas, refugo e virgem, foram os Estados Unidos, com os seguintes pesos, respectivamente: 17.920, 2.679 e 2.185 toneladas. O maior comprador de prancha foi a Argentina, com 4.724 toneladas, e de serradura, a Inglaterra, com 1.202 toneladas.

De alfarroba triturada, saíram 5.312 toneladas, tendo sido o maior comprador a Inglaterra, que adquiriu 4.036 toneladas.

Quanto a amêndoa, a exportação alcançou o peso de 3.984 toneladas, no valor de 97.154 contos. Maior comprador a Inglaterra, com 2.024 toneladas.

Voltando às cortiças, verifica-se que nos cinco meses já citados exportaram-se 12.937 toneladas de cortiça em obra, no valor de 301.771 contos. O maior comprador de aglomerados foi a Inglaterra, que adquiriu 2.436 toneladas. A União Sul-Africana foi a mais interessada na aquisição de discos, e como primeiro comprador de rolas figura a Alemanha, com 770 toneladas, seguida da Inglaterra, com 526 toneladas.

### Que sabemos nós do atum?

A esta pergunta pode responder-se, com afoiteza, que muito pouco. A experiência ensinou-nos que ele passa na mesma costa nos meses estivais, e para o capturar lançam-se as arma-

### Falecimentos

#### D. Maria Antónia Franco

Com 74 anos de idade, faleceu em Faro a sr.ª D. Maria Antónia Franco, solteira, natural de Tavira.

A saudosa extinta era irmã do venerando Bispo do Algarve, sr. D. Marcelino António Maria Franco, tendo o seu passamento cansado profunda mágoa em toda a nossa província pelas excelsas virtudes de que a bondosa senhora era dotada. Os meios religiosos e assistenciais da Diocese algarvia deploram profundamente o seu desaparecimento, e o nosso semanário igualmente se associa a este sentimento, endereçando à família da ilustre finada, e em especial a S. Ex.ª Rev.ª o sr. D. Marcelino Franco, as nossas vivas condolências.

#### P.º Manuel Correia de Brito

Em Vila Nova de Cacela, faleceu no passado dia 12, o sr. P.º Manuel Correia de Brito, de 77 anos de idade, natural de Barras do concelho de Tavira.

O finado era um espírito de grande iniciativa tendo fundado algumas fábricas de moagem em diversos pontos do Alentejo e nesta freguesia onde juntou ainda uma padaria e o cinema local.

Foi ainda o primeiro organizador de empresas de camionagem de passageiros no concelho.

Deixa uma irmã a sr.ª D. Lucinda de Brito Vargas e sobrinhos os srs. Fernando Dinis de Brito, Alfredo Morgado de Brito, José Dinis de Brito e a menina Maria Manuela de Brito Vargas.

O seu funeral realizou-se para o cemitério local.

Foi realizada missa de corpo presente por cinco colegas do extinto.

As famílias enlutadas apresentam a Redacção do «Notícias do Algarve», sentidos pesames.

ções. E a partir daqui, nada mais se sabe. Há quem diga que o atum não come, e há também opiniões diferentes. Há também quem afirme que o nosso atum é peculiar à nossa costa, à costa espanhola e ao Mediterrâneo, mas a verdade é que atum idêntico aparece nos mares do Canadá e da Noruega. E agora verificamos que ele aparece nos mares galegos. Vimos a fotografia de um dos atuns capturados pelo Chefe do Estado espanhol, há dias, próximo da Corunha. Medida 2,70 metros e pesava 322 quilos. Era precisamente o atum algarvio. O outro atum pescado pelo generalíssimo Franco, um dia depois, pesava 265 quilos. Alguém nos saberá explicar por que razão o atum «algarvio» apareceu em Setembro nos mares galegos? E pode alguém afirmar-nos, de ciência certa, que o atum que deambula na nossa costa não come? Já alguém experimentou a sua captura por meio de anzol?

De concreto, sabe-se apenas que pouco ou nada sabemos sobre a vida e hábitos do atum. Sabe-se aquilo que todos sabem — até os engraxadores do Monumental — e sabe-se ainda que a frota de Vigo faz todos os anos belas capturas de albacoras, que nós poderíamos também fazer, se apetrechássemos barcos para essa pesca. E parece-nos que pouco mais sabemos. O que, para o primeiro centro industrial de atum de Portugal, parece-nos, com franqueza, muito pouco...

**Produção de Iá** — A produção de Iá no Al-  
garve, em 1953, foi de 33.912 quilos. Os maiores produtores foram os concelhos de Alcoutim e Loulé, respectivamente, com 6.209 e 5.389 quilos.

**Exportação de conservas** A exportação de conservas, nos cinco primeiros meses deste ano, ascendeu a 22.811 toneladas, no valor 340.808 contos. O maior adquirente de atum, como de costume, foi a Itália, que nos comprou 508 toneladas, seguindo-se a Venezuela, com 73 toneladas; Bélgica — Luxemburgo, 30 toneladas, e Austrália, 24 toneladas. O maior comprador de sardinha foi a Alemanha, com 4.233 toneladas, seguindo-se: Inglaterra, 2.949, e Itália, 2.580 toneladas. Exportaram-se 1.001 toneladas de anchovas, no valor de 28.076 contos. O principal comprador foram os Estados Unidos, com 755 toneladas, seguindo-se a Suíça, Canadá e União Sul-Africana.

**Boa pesca em Vigo** O mês passado foi o de maior rendimento de pescado de que há memória em Vigo. Venderam-se na lota 6.678 toneladas, que renderam 32.197.000 pesetas. As espécies de maior rendimento foram: pescadinho, 659 toneladas, no valor de 6.450.000 pesetas; bonito, 688 toneladas, no valor de 6.100.000 pesetas; agulha, 1.814 toneladas, no valor de quatro milhões de pesetas, e pescada, 160 toneladas, no valor de 3.560.000 pesetas. O preço médio máximo do mês correspondeu, no marisco, ao caranguejo, com 46,07, o quilo, e no pescado, ao linguado, com 31,83, e o mínimo à raia, que apenas obteve 0,75. — J. B.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

«Só me levarás a essa casa quando eu for um cadáver!

O conquistador saiu, furioso, bateu a porta... e não voltou mais.

Que belo companheiro para a vida ela tinha escolhido...

E a noite avança, envolve a desolada e incompreendida humanidade. E digo incompreendida, porque apresento outro exemplo:

Como ele a adorava, e como ela o merecia!

Novos, cheios de ardência e de ansia por uma vida que sonharam e que levou à união de ambos com a sacramental palavra: «Sim!..»

Mas, passados meses, chegou o desentendimento, não se compreendiam. Gostos diferentes, intransigência de ambos na comunhão de ideias... O desabar de tantas juras, de tantas promessas!

Mas com uma maneira de pensar talvez actualizada, resolveram, depois de trocarem impressões sobre o importante assunto da sua vida, uma separação absolutamente amigável.

E... desfizeram o lar. Passado pouco tempo, somente o indispensável, os dois construíram novos lares.

### Transcrição

É do importante matutino da capital, «Diário da Manhã», o artigo *Turismo*, da autoria do ilustre jornalista João Patrício, que, com a devida vénia, transcrevemos noutra local.

### FOI PREMIADA UMA ALUNA LICEAL

#### NOSSA CONTERRÂNEA

No dia 1 do corrente mês, realizou-se no Liceu de Faro, sob a presidência do ilustre Governador Civil do Distrito e com a assistência do professorado, diversas individualidades e convidados, a sessão solene de abertura do novo ano escolar. Durante este acto, procedeu-se à distribuição de prémios aos alunos que durante o ano lectivo anterior obtiveram mais altas classificações.

Um dos alunos galardoados foi a nossa conterrânea Maria de Fátima Rodrigues Prazeres, que concluiu brilhantemente o 7.º ano (alínea e), com 18 valores.

Pelo reitor do Liceu foi anunciado que a distinta estudante havia sido proposta para o Prémio Nacional do Ministério da Educação, pelo que foi muito cumprimentada e aplaudida.

À premiada, endereçamos as nossas felicitações, bem como a seus jubilosos pais, sr.ª D. Maria Josefa Rodrigues Prazeres e dr. Reinaldo Raul Prazeres, distinto clínico nesta vila e nosso prezado amigo.

### COBRANÇA DE ASSINATURAS

Informamos os nossos prezados assinantes de que estão à cobrança os recibos referentes à 13.ª série, n.º 121 a 130 do nosso jornal, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Esperamos que os nossos estimados assinantes, como de costume, promovam para que os recibos sejam liquidados no acto da sua apresentação, pelo que desde já nos confessamos muito reconhecidos.

Entretanto, agradecemos a todos os assinantes do estrangeiro o favor de nos remeterem a importância das suas assinaturas pela via mais rápida.

### Manuel Rodrigues

ENFERMEIRO PROTÉSICO-DENTÁRIO

Rua Miguel Bombarda, 7

TELEFONE 220

Vila Real de Santo António

Comunica a todos os seus Ex.ªs Clientes e amigos que passa a exercer a sua profissão nesta vila, todos os dias úteis, das 10 às 17,30 horas.

Oh, Deus! O mais surpreendente de tudo, porém, é que ambos, os recentes casais, são muito amigos... Como é possível esta perfeição ou imperfeição?!

Continuamente, após a solidão da noite, surge a manhã, que o sol irá doirar, fazendo realçar tudo que se anima ao seu calor ardente. O tempo nunca pára a sua marcha, segue um rumo algo desconhecido.

Com fleugma e a calma necessária, nós vemos despontarem de todos os lados as contradições, e temos a noção, aliás verdadeira, que giram sempre à nossa volta e nos mortificam: os eternos paradoxos da vida!...

Natéroia Algarve

### CINE-FOZ

Hoje, apresenta o último grande êxito de Frank Capra, DESEJO, com Bing Crosby, Coleen Gray e Charles Bickford.

Um filme totalmente diferente, mas emocionante, humano e excepcional. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos.)

### PORTUGAL

na Exposição Universal e Internacional de Bruxelas-1958

DESTINADA a mostrar a contribuição de cada povo para a obra geral da civilização, Portugal não podia deixar de estar presente na Exposição Universal e Internacional que vai realizar-se em Bruxelas no ano de 1958.

Correspondendo ao convite formulado pelo Governo da Bélgica, o nosso país far-se-á representar nesse certame, dando a conhecer o muito que através dos séculos tem operado em benefício da humanidade, tanto na ordem económica e social como no plano de cultura e dos valores do espírito.

Para que a representação lusitana na Exposição de Bruxelas esteja à altura da missão civilizadora, desenvolvida durante séculos por Portugal, determinou-se criar um organismo que tome a seu cargo a organização e a direcção dos trabalhos necessários para afirmar a presença do nosso país naquele certame internacional.

De acordo com o determinado pelo Decreto-Lei n.º 40 323, é criado na Presidência do Conselho o Comissariado-Geral de Portugal para a Exposição Universal e Internacional de Bruxelas, de 1958. Nos termos desta disposição legal, os serviços centrais daquele organismo, funcionarão junto do Secretariado Nacional da Informação, que lhes dispensará toda a assistência necessária.

O comissariado que superintende na organização da Exposição terá de celebrar o contrato de participação no certame, realizar o plano dessa participação e o anteprojecto do pavilhão e dos jardins a construir em Bruxelas e levar a efeito todos os pormenores relativos à representação portuguesa.

Prepara-se assim, com especial cuidado, a representação de Portugal num importante certame internacional. A participação lusitana corresponderá, deste modo, ao interesse que a nação organizadora da Exposição manifestou pela presença do nosso país, num reconhecimento expresso da missão civilizadora de Portugal.

## AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 8 a 14 de Outubro:

### TRAINEIRAS

Rajada	88.845500
Flor do Sul	88.055500
Pérola do Guadiana	74.480500
Flor do Guadiana	63.735500
Infante	61.765500
Maria Rosa	51.303500
Norte	51.053500
Triunfante	50.470500
Janita	43.800500
Lola	43.220500
Tufão	34.345500
Sr.ª da Piedade	33.730500
Gamo	31.220500
Raulito	28.915500
Novo S. José	28.485500
Liberta	23.855500
Portugal IV	23.740500
Oca	20.100500
Restauração	19.820500
Oressa	18.960500
Jomanel	18.430500
Mélinha	18.345500
Virgem de Guie	18.290500
Brisa	16.205000
Cine	14.480500
Tóluís	12.895500
S. Paulo	12.730500
Estrela do Sul	12.390500
Fóia	11.950500
Portugal VI	11.600500
Noroeste	11.570500
Maria	11.540500
N.ª Sr.ª da Graça	11.260500
Briosa	10.190500
Cristina Leote	9.200500
Lua Nova	8.010500
Anjo da Guarda	7.680500
Carlos Fernando	7.600500
Arrifana	7.200500
Satúrnia	6.830500
Gracinha	6.370500
Alvarito	5.885500
Salvadora	5.240500
Sol	5.200500
Luís Fernando	4.045500
Persistente	3.970500
Maria Sérgio	2.950500
Maria Odete	1.280500
N.ª Sr.ª da Pompeia	1.010500
Leãozinho	970500
Total	1.155.126500

### CERCOS

Amazona	28.910500
Novo Machado	23.480500
Portugal V	690500
Futuro de Olhão	620500
Total	53.700500

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 8 a 14 de Outubro:

### Entrados:

GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Casabranca, com carga em trânsito.  
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, com adubo.  
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

### Saídos:

RABAT, Alemão, para Hamburgo, Bremen e Antuérpia, com conservas, cortiças, ngos e amêndoas.  
GRANDSON, Suíço, para Génova e Livorno, com conservas.  
JOÃO JOSÉ 1.º, Português, para Port Lyautey, vazio.  
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 15 a 21 de Outubro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

## PRÉDIO VENDE-SE

Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila. Propostas ao dr. Luís Bernardino da Silva — OLHÃO.

## EXGELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República — Telefone 12

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# ALGUMAS NOÇÕES DO GÓTICO

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

rie de pilares, que nalguns casos parecem agulhas erguidas ao céu, de grande altura, precisamente para se tornarem excessivamente pesados e, portanto, estáveis. Essas massas de pedra opõem grande resistência ao derrubamento e é sobre elas que vêm apoiar-se os arcos botantes — na realidade, meios arcos, vulgares, que aparecem na parte exterior dos edifícios. O leitor já de certo os notou em qualquer fotografia do Mosteiro da Batalha.

Um artigo desta natureza sem gravuras constituiria muito ingrata de redigir. Por isso, para amenizar mais esta maçada a que nos propusemos, façamos um pouco de história.

Ao estilo gótico chamou-se, durante muito tempo, *estilo francês*, por ter nascido em França, e *estilo ogival*, por apresentar as portas e janelas encimadas por ogivas — que são arcos especiais terminados em cunha na parte superior ou, mais rigorosamente, de traçado geométrico à base de

dois arcos de círculo de igual raio, que se cruzam a meio do vão.

As primeiras igrejas francesas, construídas neste estilo, são todas dum período que gira à volta do ano de 1150. Por ordem cronológica, citam-se as de S. Diniz, Noyon, Laon, Sens e a célebre Nossa Senhora de Paris, que abre o caminho a obras mais arrojadas, digamos às portentosas obras que se patenteiam em Chartres, Reims, Ruão, Amiens e Bourges, todas estas cerca de meio século mais novas que as antecedentes.

A evolução desta arte pode seguir-se, conforme já dissemos, através de 3 etapas distintas:

1 — *Gótico primitivo* — Colunas de secção circular, lisas, com capitel ornamentado como no românico; janelas regulares subdivididas; paredes de aspecto pesado e arcos botantes grosseiros.

2 — *Gótico radiante* — Colunas constituídas por um conjunto de pequenas colunas, janelas amplas divididas por nervos; arcos botantes sóbrios, mas de aspecto ligeiro. É o período áureo do estilo.

3 — *Gótico flamejante* — (Alguns autores designam-no por *chamejante* — colunas transformadas num feixe de nervuras, arcos botantes com intuito decorativo além da existência funcional, paredes quase substituídas por vitrais, e tectos mostrando uma verdadeira renda de nervuras. Entre nós, esta preocupação do decorativo, tocando os limites do preciosismo, aproveitou-se dos temas marítimos e tomou o nome de *manuelino*. Este período representa já a decadência do gótico.

Da França, o estilo propagou-se a todo o mundo cristão, levado pelos frades da Ordem de Cister, que, como sabemos, construíram em Portugal, de 1190 a 1220, a igreja de Alcobaca, hoje profundamente adulterada, por virtude dum terramoto que destruiu parte da primitiva fachada.

Devemos considerar Alcobaca como a primeira manifestação do gótico em Portugal? Há quem diga que sim. Porém, não devemos perder de vista que a arquitectura divulgada pela Ordem de Cister tinha ainda muitas reminiscências do românico, constituindo aquilo a que muitos críticos chamam *gótico mediterrânico* — caracterizado por monumentos carecidos de luz, e onde a ausência de arcos botantes é notória. A Igreja de Alcobaca deve incluir-se dentro deste tipo.

É muito antigo dizer-se que o saber não ocupa lugar. No nosso caso, saber distinguir o estilo dum monumento constitui, até, conhecimento precioso, nesta época em que toda a gente viaja para apreciar as preciosidades que vão pelo mundo fora, todas elas cheias de história e, sobretudo, revelando uma arte que tanto melhor se aprecia quanto maior for a cultura arquitectónica de quem as observa. Por isso, à guisa de atirar uma «bisco» a certa palestra, que desta vez *ainda não conseguiu ser popular*, aproveitei redigir estes artigos, onde, propositadamente, pus ideias gerais — que, afinal, são as únicas que perduram e, logo, as únicas que interessam a quem precisa de saber alguma coisa.

Eu podia vasar para aqui um compêndio de arquitectura, e armar uns artigos a resumirem erudição a todas as linhas e entrelinhas. Era bastante simples e, ainda por cima, tinha probabilidades de impressionar os portentos de certos meios culturais — aqueles que, de quando em quando, se apresentam modestamente a atirar com uns quantos palavreiros de difícil pronúncia, que põem de boca aberta um certo auditorio, já estarecido com tanta ciência p-a-pá-santa-justa!

Porém, não tomarei esses caminhos. O leitor chamava-me nomes feios, com certa justiça. No fundo, pretendo apenas ser uma pessoa prática, que escreve à mesa dum esplanada, ao correr da pena, sobre uns ligeiros apontamentos guardados na carteira.

Contudo, mau grado esta minha pecha popularuncha, amo certos eruditos, divirto-me com os seus rompantes e... gosto de me recrear com as suas lições, mórmente quando elas partem de certos meios culturais progressivamente bem orientados.

J. Silva Carvalho



## DESPORTO

### FUTEBOL

#### Hoje, no Estádio Padinha, OLANHENSE-FARENSE

O Estádio Padinha, em Olhão, será hoje cenário dum encontro de futebol entre as velhas equipas do Sporting Clube Olhanense e Sporting Clube Farense. Defrontam-se, pois, dois rivais e dois clubes algarvios... e está tudo dito.

Não nos surpreende, portanto, que o Estádio Padinha registre a maior enchente da época e a melhor exibição.

Enquanto o Farense vive um momento de auforia e de verdadeiro entusiasmo motivado pelos excelentes resultados conquistados até aqui, e por encontrar-se invencível, os olhanenses vivem um ambiente de descontentamento e de desespero.

Por isso, repetimos, o encontro reveste-se de extraordinária expectativa. Qual dos dois grupos sairá vitorioso? Aqui está o atractivo principal deste encontro entre algarvios.

Na verdade, pelos motivos acima indicados, o Farense conta com o favoritismo, mas nós não nos admiramos de que os olhanenses, a jogarem no seu ambiente e junto do seu público, façam uma proeza. Que têm valor para cometer tal proeza, não há dúvidas. Que terão o público a incitá-los, também não restam dúvidas.

O grupo será bastante modificado, pois, além da exclusão dos espanhóis, contam já com o concurso do magnífico jogador Ângelo, que pertencia ao Académico de Viseu e ainda de Abade que regressou ao Clube.

É necessário que o público local tenha calma e que ampare os seus jovens representantes, e deixe de criar à volta do treinador o ambiente prejudicial que têm mantido até aqui. Tenham confiança no treinador; ele é competente e sabe o que faz...

Dar um prognóstico deste encon-

tro seria arriscar muito, porquanto os grupos são de valor equilibrado, mas inclinamo-nos mais para um triunfo dos locais, que, segundo consta, apresentarão a seguinte constituição: Nas redes, o magnífico Abade; na defensiva, Ezequiel, Sarmento e Bento, que tão boa conta têm dado; na linha média, os dois jovens de real categoria, Reina e Poeira; a linha avançada será, pois, esta: Simões, Ângelo, Parra, Cavas e Gouveia. Cinco avançados jovens com categoria, não há dúvidas.

Dois grupos que nos darão, certamente, uma boa tarde de futebol. Confiamos e esperamos.

#### Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul)

MONTIJO, 2 — OLANHENSE, 0

Mais uma derrota dos rubro-negros, frente, desta vez, ao Montijo. Mais uma jornada passada, em que os olhanenses não triunfaram. Proeza para o Montijo, que pela primeira vez, esta época, venceu no seu campo. Triunfo justo.

FARENSE, 4 — OLIVAIS, 3

O vencedor deste encontro jogou mal, mesmo muito mal. A vitória local não é merecida, porquanto os lisboetas foram sempre superiores. O empate seria o resultado mais lógico.

«O ELYAS», 1 — PORTIMONENSE, 1

Bela exibição dos algarvios e excelente empate frente aos novos segundos-divisionários. O empate, alcançado pelo Portimonense, dá-lhe novas esperanças numa boa classificação.

## CARTA ABERTA

### Os problemas do «Olhanense» vistos à luz da realidade...

Embora sejamos ainda muito jovens — o autor desta crónica, claro está — dedicamo-nos, há já alguns anos, de alma e coração ao Desporto.

Somos, repetimos, ferrenho entusiasta das «coisas da bola», pelas quais, infelizmente, muito nos vemos prejudicado na vida social.

Além disso, nutrimos — por que não dizê-lo?... grande admiração e estima pelo Sporting Clube Olhanense, o que é natural, humano e justo, pois Olhão foi o nosso berço. Vem tudo isto a propósito de alguns problemas que presentemente atormentam e afectam a vida gloriosa do mais histórico clube da nossa província. Resolvemos, por isso, escrever algumas linhas para relatar-mos através da realidade alguns factos que ali estão a passar-se.

Lamentamos sinceramente que o Olhanense esteja dividido em dois grupos. A massa associativa encontra-se desunida, não havendo aparentemente motivos que tal justifiquem. A verdade é que existem dois «partidos», repetimos.

Um, que aplaude e respeita as resoluções da Direcção, e outro que critica, por vezes demasiado e sem razão, todas as resoluções desta.

É, pois, de um grupo de associados, que a nossa consciência vê que está a trilhar por caminho errado, que nos vamos ocupar. Este é composto por um número bastante reduzido de sócios, que são, por assim dizer, os opositoristas da Direcção. Criticam os seus actos e resoluções, a maior parte das vezes unicamente porque a Direcção não dá ouvidos às suas ideias.

É que, para esse pequeno grupo de associados deixar de fazer crítica destrutiva, teria a Direcção presente, ou qualquer outra, de formar o onze de honra do Olhanense à base do material da casa, com treinador também da casa, nem que este estivesse a treinar na 3.ª divisão.

Na maneira de ver desses associados, não importaria, sequer, que o clube baixasse de divisão, mas ao menos, empregaria o material da casa, repetimos.

Formar-se o Olhanense apenas com jogadores de Olhão seria o ideal e realmente interessantíssimo, mas é difícil a qualquer Direcção proceder dessa forma. Enquadrar alguns jovens olhanenses, concordamos, mas não formar o onze, porque lhes falta a experiência, a classe indispensável. O Nacional da II Divisão é presentemente uma prova dura, muito dura, mesmo.

Não nos esqueçamos de que o Olhanense tem tradições a manter e não pode nem poderia viver assim. Os olhanenses aspiram ao lugar a que têm direito. Quem se deslocaria ao Estádio Padinha pa-

ra ver jogar jovens? Quem manteria uma equipa de jovens?

Se presentemente o clube está a perder o cartel, e possui um grupo regular, que aconteceria então?

Ponhamos os olhos na histórica agremiação de Vila Real de Santo António, que pensou da mesma forma, e desceu para um lugar que não merece.

É por esses motivos que esta ou qualquer outra Direcção do Olhanense trabalha da forma mais segura, nem que para isso tenha que ter canseiras e esforços sem conta.

Os jogadores do Olhanense podem, devem e sabem fazer melhor, e com o andamento do Nacional, veremos. O treinador contratado pela Direcção é diplomado e competente, e tenhamos, por isso, esperanças.

Apelamos para o bom senso, para o bairrismo, brio e amor-próprio de todos os olhanenses que tenham calma e saibam encarar as realidades. Não melindrem a Direcção, porque há ali boa vontade. Não façam com que ela peça a demissão, o que esteve já para acontecer.

Posto isto com o desassombro, a lealdade e a honestidade que nos caracterizam, afigura-se-nos que o mal não reside nos directores, nos jogadores, nem tão pouco no treinador, mas sim no ambiente prejudicial que alguns sócios criaram à volta de todos, a que nos referimos. Falta no «Olhanense» a moral, e essa só poderá vir com a união de todos os olhanenses.

Herouliano Valente

## PROPRIEDADE

VENDE-SE no sítio de Torre dos Frades.

Recebem-se propostas em carta fechada até ao dia 20 de Outubro.

Dirigir a Carlos Madeira Gomes, Travessa Ataíde de Oliveira, 6 — Faro, ou a Alexandrino Guerreiro Cavaco — Vila Nova de Cacela.

Reserva-se o direito de não entregar caso o preço não convenha.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

CASA TRINDADE

CASA TRINDADE

## OS JOSÉS DE PORTUGAL

### Distribuição de prémios

COMO é já do conhecimento geral o Grupo Onomástico «Os Josés de Portugal», prosseguindo na sua campanha educativa, resolveu instituir 44 prémios para distribuir em cada um dos 22 Distritos do Continente e Ilhas Adjacentes, constituídos por relógios, dois para cada Distrito, sendo um destinado ao professor «José» que maior número de alunos tenha apresentado a exame, com êxito, e outro ao aluno «José», mais idoso, que tenha obtido aprovação no seu exame, dentro do plano da «Campanha Nacional de Educação de Adultos».

Esta iniciativa, que teve o melhor acolhimento em todo o País, especialmente entre os Josés, está dando motivo a entusiasmo para novos empreendimentos, que este Grupo projecta realizar no campo educativo e social.

Os premiados nos respectivos Distritos são:

**Aveiro** — Professor José Augusto Miranda, de A'gueda.

Aluno José Rodrigues da Silva, de Oliveira de Azeméis, de 55 anos.

**Beja** — Professor José Mamede, de Mértola.

Aluno José Francisco Larguinho, de Aljustrel, de 56 anos.

**Braga** — Professor José de Freitas R. Gomes Coimbra, de Vila Nova de Famalicão.

Aluno José Milheiro, de Terras do Bouro, de 48 anos.

**Bragança** — Professor José Augusto Trigo, de Vila Flor.

Aluno José António Angélico, de Macedo de Cavaleiros, de 54 anos.

**Castelo Branco** — Professor José Cordeiro Mendes, de Boidobra — Covilhã.

Aluno José de Oliveira Gil, de Paúl — Covilhã, de 46 anos.

**Coimbra** — Professor José Alves Aldeia, de Soure.

Aluno José Pereira, de Coimbra, de 53 anos.

**Évora** — Professor José Manuel O. Arantes, de Montemor-o-Novo.

Aluno José Dias, de Pavia, de 54 anos.

**Faro** — Professor José Francisco A. Ferreira, de Faro.

Aluno José Ribeiro Ramos, de Loulé, de 71 anos.

**Guarda** — Professor José de Matos, de Vela — Guarda.

Aluno José Saraiva, de Pera do Moço, de 47 anos.

**Leiria** — Professor José M. Pereira da Silva, de Marinha Grande.

Aluno José Vieira, de Memória — Leiria, de 54 anos.

**Portalegre** — Professor José Augusto de Lima, de Ponte de Sor.

Aluno José Maria Mourato, de Portalegre, de 66 anos.

**Porto** — Professor José Oliveira Cabral, do Porto.

Aluno José da Silva Azenha, do Porto, de 59 anos.

**Santarém** — Professor José da Silva Moleiro, de Entroncamento.

Aluno José Dias Espada, de Vila Nova de Ourém, de 55 anos.

**Setúbal** — Professor José de Oliveira Raposo, do Barreiro.

Aluno José Correia Afonso, de Alhos Vedros, de 61 anos.

**Viana do Castelo** — Professor José Manuel Gonçalves, de Ponte de Lima.

Aluno José Fernandes Cervais, de Ponte de Lima, de 35 anos.

**Vila Real** — Professor José Manuel Alves, de Chaves.

Aluno José de Magalhães, de Mondim de Basto, de 61 anos.

**Viseu** — Professor José Cardoso Teixeira, de Lamego.

Aluno José Maria, de Viseu, de 55 anos.

**Angra do Heroísmo** — Professor José Leonel B. I. Lopes, da Praia da Vitória.

Aluno José Martins da Fonseca, de Praia da Vitória, de 55 anos.

**Funchal** — Professor José Joaquim da Costa, de Câmara dos Lobos.

Aluno José Manuel, do Funchal, de 47 anos.

**Horta** — Professor José Augusto da Silva Azevedo, do Faial.

Aluno José Pereira da Silva, do Faial, de 40 anos.

**Ponta Delgada** — Professor José Carreira de Almeida, Fenais da Luz.

Aluno José de Sousa Carvalho, de Vila Franca do Campo, de 59 anos.

A distribuição dos respectivos prémios iniciar-se-á em Lisboa, no dia 27 do corrente mês de Outubro, continuando depois nas outras capitais dos distritos.

### Telefone que não necessita de ser segurado com a mão

Os inventores K. T. Blomberg e R. G. Lysell construíram um telefone que não necessita de ser segurado com a mão, enquanto está a ser utilizado. Isto permitirá que o homem de negócios ou o jornalista tenha ambas as mãos livres para tomar notas ou fazer cálculos, enquanto atende a chamada.

Para se fazer uma ideia do aspecto deste aparelho, basta imaginar um telefone com a parte superior suprimida. Num dos lados da base, tem colocado um orifício semelhante a um pequeno microfone. Mais abaixo, está o pequeno disco dos números, idêntico ao do telefone comum. Um botão, que se projecta do centro da pequena roda, é premido pelo peso do auscultador e fecha ou abre o circuito.

Para se fazer uma chamada, levanta-se o auscultador e marca-se o número. Deixa-se repousar o auscultador, novamente, sobre a base, e aguarda-se que se oiça a voz da pessoa chamada. Tudo o que se necessita fazer é falar junto ao orifício e manter o ouvido bastante perto do auscultador, para escutar a voz de quem fala. Quando a comunicação terminou, basta simplesmente mover o auscultador, para soltar o botão e fechar o circuito.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

## INFORMAÇÕES DA CASA DO ALGARVE INTERESSES DA LAVOURA ALGARVIA

PROSEGUINDO na divulgação de elementos que interessam à valorização e defesa da fruticultura algarvia, vamos hoje resumir, do último Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas, alguns oportunos dados sobre o combate às pragas dos figos, e simultaneamente apresentar breves notas estatísticas, para fundamento da previsão de um possível aumento do preço da alfarroba.

**Combate às pragas dos figos** — O ciclo biológico da *Ephesia calidella* Gn., a principal responsável pelos enormes prejuízos todos os anos verificados na produção do figo algarvio, abrange as três seguinte etapas:

**Primeira geração - Junho - Julho:** Do material hibernante existente na casa do lavrador, saem as primeiras borboletas, que se dirigem para as alfarrobas ainda na árvore.

**Segunda geração - Agosto e 1.ª quinzena de Setembro:** Dos montes da alfarroba já colhida e do material hibernante ainda existente na casa do lavrador, saem novas borboletas, que se dirigem para o almanxar e para a casa das tuihas, onde se transformam em insectos perfeitos as larvas que saem dos ovos depositados nos figos, e que vão dar origem à

**Terceira geração - 2.ª quinzena de Setembro e Outubro:** Fecho do ciclo, com o hibernamento da larva, que assim fica imobilizada, nos ângulos das paredes ou madeiras e frinças da casa das tuihas, de fins de Outubro e Novembro até Junho do ano seguinte.

«Olhando atentamente este esquema — recomenda o Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas — qualquer produtor ficará a compreender bem a evolução da espécie, podendo assim realizar mais conscientemente as diferentes fases da luta contra tão perigoso inimigo».

Esta luta deve começar no figueiral, não se deixando nele figos que, ao secando, fiquem sujeitos ao ataque da praga; e no almanxar, por ser o local onde se concentra o principal ataque da praga, deve exercer-se com o maior cuidado.

É de considerar que, sendo uma época quente, aquela em que as operações da colheita e secagem do figo decorrem, os ovos têm tempo de eclodir durante os 4 a 6 dias que os frutos permanecem no Almanxar. Deste modo, as larvas recém-nascidas iniciam nele o seu desenvolvimento e, passados 19 a 20 dias, grande número delas terá atingido a fase adulta e devorado grande quantidade do conteúdo do figo.

«Há, portanto, necessidade imperiosa de:

1.º — Tratar o figo imediatamente após a sua secagem.

2.º — Armazená-lo em seguida, defendido de novas infestações.

Para dar execução à primeira norma, todo o lavrador deve possuir uma câmara de expurgo onde, empregando o sulfureto de carbono, esterilize diariamente o figo das escolhas realizadas».

Noutra informação, indicaremos as condições a que devem obedecer as ditas câmaras e as casas de armazenamento.

Afigura-se-nos, entretanto, que seria de aconselhar um combate radical às larvas hibernantes, promovido por brigadas técnicas, se possível acompanhadas de outras que promovessem, igualmente, o combate, tão necessário, às moscas e outros nocivos insectos.

Para se conseguir estabelecer um hábito, nada como o exemplo.

## ÓCULOS

para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a: Agência Comercial e Marítima do Sul

— Telefone 76 —

Vila Real de Santo António

**Seja económico**  
**Poupe muito dinheiro**  
**PREFIRA A**  
**TIPOGRAFIA SOCORRO**  
**FABRICA DE CARIMBOS**  
 As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.  
 VILA REAL DE STO. ANTÓNIO  
 Telefone 59 Apartado 3

## CHAVENAS DE CAFE QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE  
**A ESCADA, E QUEM**  
**POR ELA SOBE**

«Foi um homem que quis, nas coisas literárias» — escreveu Herculano, em carta a Antero (?).  
 Em coisas literárias e de arte, o querer conta, é certo, mas sem nunca conseguir suprir o talento e génio naturais. Dos artistas, em geral, se pode afirmar o que dos poetas se diz: poetas nascuntur: os poetas nascem.  
 De certo que a transpiração opera prodígios, com a condição, porém, de ser posta ao serviço da natural inspiração, dos dons congénitos. De contrário, marcará passo, para todo o sempre, no mesmo lugar.  
 A paciência, por mais longa que seja, nunca equivale a génio. É escada para o génio subir. Mas seria temerário identificar a escada com quem por ela sobe.

### CONTRA O RISO

O riso sistemático, a troça sempre em programa de marretada, o sorriso desdenhoso para tudo e para todos, o constante faltar de ironias, são atitudes corrosivas da vida, da acção, do entusiasmo. Importa que os homens tomem atitudes sérias, que realizem com meditada convicção, com gravidade religiosa. Se, à sua volta, em vez de uma clima de apoio e de aplauso, só tiverem o riso desdenhoso, a troça minaz, a chocarrice, o epigrama, o dito espirituoso, nada poderão fazer que valha e perdure. Antes um preconceito construtivo do que um lampejo de espirituosa maledicência.

O riso, como filosofia de a toda a hora, não é remédio salvador, mas purgante que tudo dissolve.

Embora usado contra os ridículos alheios, ele próprio acaba por tornar ridículos os que o empregam sem conta, peso, nem medida.

### METAFÍSICA

Conta-se que um mundano qualquer, doublé de literato, se dispôs a aprender a metafísica com Antero.

Mas, logo no primeiro dia de lição, verificou que aquilo da metafísica não era chegar, ver e vencer.

Para se vencer, nesse capítulo, importa ter nascido já com o sentimento agudo dos grandes enigmas.

E, por isso mesmo, Antero, algo irónicamente, lhe teria perguntado:

— «Você sente o ser? O literato-mundano dobrou-se sobre si mesmo, e acabou por confessar que não sentia o ser.

— Pois então, volte por cá quando o sentir. Até lá, nada feito.

O literato não voltou. O ser não lhe deu as honras de uma visita.

A primordial condição para aprender a metafísica é o dom das sondagens em profundidade. Quem o não tiver, vacinado está para ir além do periférico e transitório das coisas.

## O RANCHO FOLCLÓRICO DE ALCOUTIM

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

O fim principal de arranjar fundos que sirvam de participação à construção, ali, de um hospital sub-regional. Mantê-las é um dever, e é ainda um preito de saudosa homenagem a quem por aquela criação tanto patrocinava: — o saudoso e benemérito dr. João Francisco Dias.

Pois não desanimem as meninas e rapazes da minha terra, que formam o seu rancho folclórico. Persistam, para o futuro, que a sua graça será sempre aplaudida. Por cada um que sai, outro que entre.  
 A nossa pobre terra, tão esquecida, bem o merece.

Trindade e Lima

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO III N.º 123

DOMINGO

16 - Outubro - 1955

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando E. Cruz

# LEITURA

SECÇÃO DE LITERATURA E CRÍTICA  
 Orientada por N. RODRIGUES PENA

## VAMOS LER ESTES ESCRITORES

### FIALHO DE ALMEIDA

**TEMPERAMENTO** inquieto, e indisciplinado, Fialho de Almeida deixou-nos na sua obra algumas das melhores páginas que já se escreveram na língua portuguesa.

Se muito do que escreveu perdeu já interesse, é legítimo reconhecer que na sua obra há ainda muita coisa digna de se ler e meditar. Alguns dos seus contos são autênticas obras primas, composições literárias perfeitas onde, a par dum estilo nervoso e febril, vamos deparar com a existência de tipos e casos arrancados à paisagem social portuguesa. Fialho foi um dos nossos primeiros escritores a transplantar para a literatura nacional o camponês, os malteses da província onde nasceu — desse Alentejo, cujas grandes extensões de território, pertencem a dez ou a doze nababos que vivem nos grandes centros, indiferentes ao cultivo, e empenhados somente em perceber, num prazo fixo, o dinheiro das rendas, para a sustentação das suas grandes prodigalidades e magnificências — como ele escreveu no *Pais das Uvas*.

Filho dum professor primário, viu-se, após a morte do seu progenitor, coagido a interromper os seus estudos e a ganhar o seu pão quotidiano como empregado modesto numa farmácia. Desse anos difíceis e dramáticos, que lhe deixaram para sempre ressaibos dolorosos, como nos conta numa Autobiografia, Fialho aprenderia as duas lições da vida. Natureza nervosa e emotiva, os seus escritos traduzem com fidelidade os sentimentos e interesses que o impulsionavam. Foi um insatisfeito e, de certo modo, intimamente, se devia considerar um réprobo, um desclassificado. A sua timidez explica em parte a dureza e combatividade dos seus panfletos. A crítica violenta, resvalando muitas vezes para a insensatez e para o desconchavo, surgia-lhe como a reacção natural contra as injustiças dum meio de que se considerava vítima. Zurziu tudo e a todos sem qualquer contemporização nem dis-

cernimento e raras vezes se manteve sereno e justo. Em Fialho revêem-se alguns dos nossos mais gritantes defeitos e das nossas melhores virtudes. Distingue-se na sua personalidade uma declaração intrepidez, um forte desejo de independência inerente à sua condição de filho da pequena burguesia e, por outro lado, embora menos evidente, uma sede de compartilhar os benefícios e prazeres que outros fruíam. E' essa dualidade de aspirações e interesses, é esse conflito permanente, que faz da sua vida um verdadeiro drama. Hoje diríamos que Fialho possuía aquilo a que se chama uma consciência infeliz ou atormentada.

Mas, se podemos colocar de lado muitas das páginas dos *Gatos e Vida Irónica*, é flagrante injustiça esquecer ou ignorar os seus contos. E' nessas pequenas obras que o talento de Fialho atinge a sua verdadeira altura. Escritos talvez em momentos de calma, esquecido das lutas e verrinices que lhe envenenavam a existência, Fialho colocou nessas produções a sua sede de ternura, a solidariedade que lhe merecia o mundo sofredor da gente do povo. E' injustiça imperdoável seria, das novas gerações, não reconhecerem a beleza e a lição que encerram alguns dos contos dos livros: *Pais das Uvas*, *Cidade do Vício e Contos*, que, sem qualquer favor, se podem igualar ao que de melhor no género se produziu lá fora.

### ANTOLOGIA DA CRÍTICA

Ora já vimos que a obra literária é uma expressão da Vida. Logo, uma obra literária deve valer ou não, conforme exprime ou não exprime fielmente os vários aspectos ou o conjunto da Vida. Logo, uma obra literária valerá mais ou menos conforme a exprimir nos seus aspectos mais ou menos profundos. Assim, por

### Breves apontamentos sobre

#### «AS ASAS DE GARRETT»

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

têm acerca de determinadas figuras proeminentes da nossa literatura.

E' um trabalho breve, sim, este que a sr.ª D. Ludovina escreveu, mas para conferência não me parece que devesse alongar-se ou profundar mais.

A segunda parte do seu livro é constituída pela vocação de algumas figuras da vasta galeria de Almeida Garrett, evocação feita através dos versos de cadência suave da autora de «Para além da morte», acompanhados de belos desenhos de Cruz Caldas, os quais foram apresentados, em projecções luminosas, durante o último dos Serões Garretanos promovidos pela Assembleia de Campanhã, em comemoração do 1.º Centenário do glorioso autor do *Frel Luis de Sousa*, durante a qual a sr.ª D. Ludovina Frias de Matos disse as inspiradas composições poéticas de sua autoria.

Finalizamos estas rápidas notas, transcrevendo a composição «Manuel de Sousa», respigada, ao acaso, de «As asas de Garrett» e original da pena fluente da poetisa de «Sombras e Clarões».

#### «MANUEL DE SOUSA»

«Goze a opulência ou desfaleça a [míngua], use o burel ou vista de veludo, «o mais perfeito prosador da língua», o Frel Luis de Sousa é grande em tudo:

Grande no pátrio amor, grande na História, grande na Fé e grande na bravura, grande nas letras, que lhe deram glória, grande também o foi... na desventura.»

Jocelyne Pinto

exemplo, no domínio da poesia lírica, valerá mais o poeta que exprimir as emoções intensas e as paixões permanentes que animam ou determinam a Vida. Assim, no domínio da poesia épica, valerá mais o poeta que melhor souber criar essas colossais figuras que resumem um ciclo ou uma época, e melhor souber fazê-las manifestar por meio de actos, e dentro de quadros dignos da grandeza delas. Assim, no domínio do Drama, será maior o escritor que pintar as paixões mais rigorosas nas lutas que travam entre si, e os caracteres mais vivos na acção que exercem uns sobre os outros. Assim, no Romance, subirá mais alto o artista que mais e melhor souber dizer o mecanismo dos caracteres e a história das paixões que o lírico pinta nas suas explosões individuais e o Dramaturgo nos seus conflitos sociais, e que mais e melhor souber mostrar esses caracteres e paixões sob as influências dos meios por que são actuações, e nas energias intrínsecas, pelas quais reagem. Daí a superioridade dum Shelley sobre um Cowper, dum Camões sobre um Tasso, dum Shakespeare sobre um Schiller, dum Balzac sobre um Zola.

Moniz Barreto  
 (in Ensaio de Crítica)

## VIAGEM

Na calma da tarde o poeta dorme — chama que arde e não se consome.

Respira sereno (feliz?, infeliz?) — barco eterno dum outro país

Do rio, na margem perdida outrora, todo ele é agora sono... e viagem.

PAPINIANO CARLOS

Visado pela Comissão de Censura

## QUEM TEVE A CULPA FORAM OS ESPANHOIS?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

de Ciplão o Africano, recebeu o cognome de segundo Africano e de numantino.

Nunca os Lusitanos se conformaram com a condição de vencidos e, sempre em constantes revoltas, esperaram 61 anos por uma oportunidade favorável de obter a tão ambicionada liberdade. Esta oportunidade forneceu-lha a luta que se travou em Roma entre Mário e Sila. O ilustre general Quinto Sertório seguiu o partido do primeiro.

Como Sila tivesse vencido, Sertório refugiou-se em África, em 80. Os Lusitanos, admirando a sua vasta ilustração em todos os ramos da ciência, contrataram-no para os vir capitanear, numa nova revolta contra Roma. Em breve organizou um grande exército à romana, por meio do qual sustentou, vitoriosamente, uma guerra com Metelo e com Pompeu, durante 7 anos.

Estabeleceu em Évora a sua capital, fez da Lusitânia e da maior parte da Espanha um simulacro da República Romana, com um Senado, e montou uma universidade em Huesca, em território dos iberos, sua segunda capital.

Inspirava aos seus soldados uma confiança cega, persuadindo-os de que estava em comunicação com a boa graça dos deuses semipiternos, que lhe davam seus avisos por intermédio de uma corça branca, de que se fazia acompanhar por toda a parte.

Invejado pelo seu imediato, o general Perpenna, foi assassinado num banquete, por virtude de uma conjura promovida por este, em 73 a. C. Elevado por este crime a comandante-chefe do exército sertoriano, Perpenna não fez mais do que tollices e, caído prisioneiro de Pompeu, foi por ele condenado à morte, em 74.

Cinco anos depois, em 61, foi nomeado pretor da Lusitânia Caio Júlio César, o qual, para vencer definitivamente este extraordiná-

rio povo, não hesitou em recorrer a crime idêntico ao de Sécio Galba, havia 90 anos. Conseguindo também, por mansas palavras, cheias de impostura, fazê-los descer dos Montes Herminios, desta vez para os lados do sol-posto, apertou-os entre a serra e o mar e afaniquou barbaramente os que teimaram em não querer fugir, nem render-se.

Estava vencido o mais obstinado escolho ao domínio romano no ocidente — a Lusitânia Ficcava ainda de fora a Gália, dividida em vários pequenos estados, sempre em guerra uns com os outros, que pouco custaria e encorpar no grande colosso. Falta apenas um protesto para lhes lançarem mão, e esse protesto proporcionou-se quando menos o esperavam.

Estavam em guerra viva dois condenados desavindos e, para resolverem a questão a seu favor, um solicitou o auxílio da Germânia, outro o de Roma. Foi o que os romanos quiseram ouvir. O general escolhido foi o vencedor do último golpe dos Lusitanos, Júlio César que, em 5 anos, decidiu tudo!

A Gália passou a ser uma província romana, e os seus actuais senhores, que não quiseram obedecer, só tiveram um recurso, para serem livres: transpor o Reno em sentido contrário ao que haviam seguido mil anos atrás!

De uma maneira ou doutra, a mudança do cenário que se operou pode comparar-se ao de um cobertor de duas cores, que se mudou do avesso.

Os homens altos, louros e de olhos azuis que durante tantos séculos fizeram a sua autoridade única, em todo o solo ibero-ligüer, ficaram completamente ofuscados pelos homens de pequena estatura, morenos, vigorosos, energéticos e audaciosos, que voltaram a posse daquela pátria que Deus lhes destinara e será sua eternamente, não importa que

## ESQUADRAS ALIADAS NO TEJO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

realidade, uma importantíssima demonstração do que se poderia e deveria fazer, no caso de uma futura guerra. Isto prova-nos que os defensores da civilização não estão de olhos fechados e que desejam preparar-se para todas as eventualidades. Hoje, como nunca, é digno de toda a atenção o famoso ditado latino: «Se queres a paz, prepara a guerra».

Depois destes doze dias de contínuas labutas e trabalhos constantes, os componentes destas esquadras tiveram uns dias de bem merecido repouso. Para isto, foi justamente escolhido o estuário do Tejo, onde se encontram ancorados estes 23 navios, que tomaram parte em tão notáveis exercícios navais. Temos aqui mais uma prova da grande amizade dos dirigentes das três nações amigas, que quiseram dar este descanso aos seus marinheiros em terra portuguesa, terra acolhedora e amiga por excelência. Por isso, a cidade de Lisboa sente as suas ruas cheias destes valentes homens do mar, que por ela passeiam, dando uma nota de alegria e de optimismo, que bem mostra o grande prazer de estarem em terras de Portugal.

Tanto os Estados Unidos como a Inglaterra e a França, quiseram dar-nos provas do apreço em que é tido o nosso país. O exemplo de Portugal está tornando-se fecundo, pois a atitude portuguesa é tão clara e tão manifesta que ninguém poderá nunca duvidar dela. No momento em que tantos povos hesitaram, não acertando com o caminho que deviam seguir, Portugal tomou logo uma posição plenamente definida, uma posição que pode e deve servir de modelo a todos os povos que deveras desejarem tornar-se felizes e ser pioneiros seguros do nosso ideal civilizador. E' isto de tal forma assim, que os grandes países não podem deixar de confessar que Portugal é um povo modelar no cumprimento exacto de todos os seus compromissos internacionais. E' esta uma lição valiosíssima que a Nação Portuguesa oferece a muitos outros povos que tantas hesitações apresentam nas atitudes que devem tomar em ordem à defesa da nossa civilização.

Portugal, por sua vez, também se orgulha das provas de sincera amizade, que lhe são dadas por estes três grandes povos, e corresponderá sempre a elas, quer com a manutenção da ati-

sob uma denominação de origem estrangeira. E a língua ibero-ligüer, tornou-se a ouvir-se em todo o seu antigo âmbito.

Bem podem os franceses chorar a esbelteza daqueles corpos esguios, o ouro daqueles cabelos fulvos, o azul daqueles olhos do cor do céu de que tanto se orgulhavam, que eles nunca mais voltarão com o mesmo esplendor com que se foram!

«Os primeiros gauleses eram homens de elevada estatura, tinham cabelos louros e olhos azuis, mas misturaram-se mais tarde com os restos das populações mais antigas do Ocidente, sobretudo com os espanhóis.»

E' por causa disso que os franceses de hoje, na maior parte, são menos altos e têm cabelos castanhos em vez de louros... Grande História da França, de Henri Martin, vol. 1, pág. 6.

Sousa Nunes

tude tomada, quer indicando-lhes os meios de que se devem servir para conseguir o bem-estar de que nós estamos disfrutando. Podemos estar inteiramente seguros de que o prestígio do nome português será tanto mais forte e mais firme quanto melhor forem conhecidas as nossas instituições, os nossos métodos de acção, e sobre tudo a obra maravilhosa que Portugal levou a feliz termo, nestas últimas décadas, quer no Portugal Metropolitano, quer no Portugal Ultramarino. O exemplo de Portugal será um dos grandes meios para conseguir que se venha a encontrar o equilíbrio tão procurado sob o ponto de vista da solução dos chamados problemas sociais. E' esta a grande missão que a Providência nos confiou; bom seria que todos os povos soubessem aproveitar o exemplo que lhes é oferecido.

Nas presentes circunstâncias devemos levantar os nossos olhos ao Céu e agradecer a maneira como temos sido protegidos e guiados, pois é esta a máxima dádiva da Providência para com esta terra portuguesa. Portugal sabe o que quer e para onde vai: nunca ninguém será capaz de o desviar do rumo que lhe foi marcado. E' esta certeza da verdade que encanta todos os povos que nos visitam e que lhes faz tomar um particular carinho por tudo quanto leva o cunho português.

Inglaterra, França e Estados Unidos podem ter confiança absoluta na amizade portuguesa, que nunca desmentirá as realidades. Como nós, Portugueses, também somos profundamente gratos, queremos aqui deixar bem expressa a nossa gratidão a estes três povos amigos, pela prova de sincera amizade que agora nos deram, ao escolher o nosso lindo Tejo para descanso dos seus filhos.

J. G. Bráz

## TURISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

particular, diluído ilusoriamente no conjunto.

Um exemplo, que nos ocorre: Por que não exigir da empresa concessionária dos transportes no Guadiana, na fronteira de Vila Real de Santo António, que fard o seu pessoal, em vez dele se apresentar, na época de Verão, a de maior movimento — em mangas de camisa, desabotoado e sem gravata, de aspecto enxovalhado? Por que não mandar também pintar os barcos de branco, tornando-os atraentes, limpos — turísticos?

Bem sabemos que o trajecto é curto — uns escassos quinze minutos — e que da mesma maneira se chega à outra margem e fronteira; mas os olhos fixam tudo e, às vezes, de forma a nunca mais lhes sair a imagem da retina.

E como a coisa apenas nos diz respeito no sentido da nossa fronteira para a outra, que o trajecto de lá para cá é feito em barcos do país vizinho — façamos com que o estrangeiro que nos deixa por ali (depois de ver as fardas impeccáveis do nosso pessoal da Alfândega e da Polícia) não leve nos olhos uma má impressão, que, por ser a última, pode perdurar...

A tiragem e a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.